Vozes da Mooca

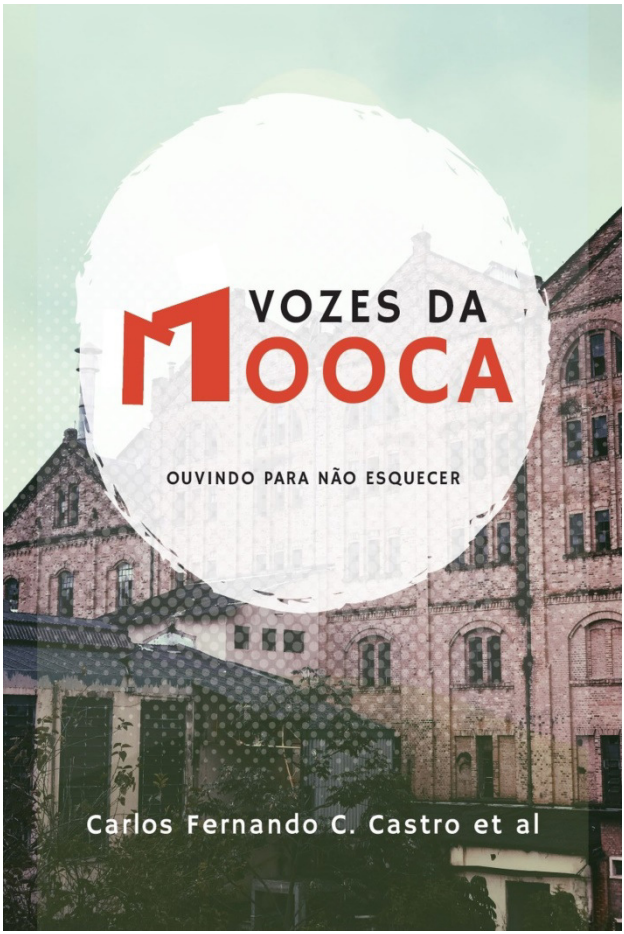
Ouvindo para não esquecer

Carlos Fernando C. Castro et al

Copyright © 2022 Carlos Fernando Carvalho de Castro et al

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigo de revistas. O autor e a editora não se responsabilizam por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Informações bibliográficas:
Autores: Carlos Fernando Carvalho de Castro et al.
Título: Vozes da Mooca.
Subtítulo: Ouvindo para não esquecer.
Local, Ano: São Paulo-Brasil, 2022.
Páginas: 170 páginas tamanho A5.
Assuntos: 1.Mooca
ISBN de ebook pela Bibliomundi.



Capa: Pedro Castro

Sumário

1.Introdução 7
2.A Foto 11
3.História Resumida da Mooca 17
4.Depoimentos 33
5.Memórias Relacionadas 119
5.1 Conservatório Musical Paes de Barros 119
5.2 Visita do Governador – Mooca da década de 30 123
5.3 Por que meus antepassados italianos vieram para o Brasil 127
5.4 Batizados e Casamentos – Família Carvalho 131
5.5 Serviço militar 133
5.6 Uma volta da escola 137
6. Pesquisas por Decio Martins de Medeiros 141
6.1 Genealogias de Nomes de Ruas 141
6.2 Igrejas Católicas do Bairro 149
6.3 Uma Cronologia da Mooca 151
7. Para quem for mergulhar 159
7.1 A Mooca na internet 161
7.2 Referências bibliográficas 163
Sobre o autor 169

1.Introdução

Inevitável. À medida que vamos envelhecendo volta e meia a memória nos remete às nossas raízes. O assunto surgiu naturalmente nos cafés com meu amigo Decio Medeiros, já que nós dois somos filhos da Mooca. Mais do que somente desfilar recordações resolvemos, entretanto, escarafunchar um pouco mais e abrimos uma nova "pasta" nos papos semanais: "Conversando sobre a Mooca".

Vai daí começamos a explorar a história do bairro, as sucessivas ocupações de sua área desde a fundação de São Paulo e, particularmente, as razões ou as forças que estavam por trás da verdadeira explosão de crescimento que ocorreu a partir do final do século XIX. Valeu muito a pena visitar um pouco da história dos personagens, dos sonhos e realizações das gerações que nos precederam.

Por outro lado, ao lembramos de nossa vivência de infância e adolescência e as registrarmos em depoimentos pessoais, percebemos

que seria interessante também abrir um espaço para outros depoimentos mooquenses. Uma pequena amostra de testemunhos da vida no bairro foi então reunida. Espera-se que tais depoimentos funcionem como um convite para que nossos leitores também registrem suas memórias e ajudem a ampliar e enriquecer a grande construção coletiva que é a Mooca.

Ao coletar os depoimentos, aqui e ali surgiram curiosidades e "causos" que achamos por bem registrar no item "Memórias Relacionadas". Além disso anexamos ainda algumas pesquisas genealógicas e cronológicas que foram surgindo como subprodutos de nossas conversas sobre o bairro.

Ao final apresentamos uma lista de links que o leitor poderá percorrer para navegar pela Mooca e conhecer muito mais sobre sua história e seus personagens. Acrescentamos também uma bibliografia de referência que, longe de pretender cobrir todos os temas "mooquenses", pode servir ao menos de ponto inicial para todos que queiram planejar e partir para novas viagens no tempo e no espaço, além de conhecer melhor os preciosos seres

humanos que construíram e continuam a criar nossa querida Mooca.

2.A Foto [1]



Figura 93. *Montagem: Rua Visconde de Laguna com Rua dos Trilhos.* A montagem fotográfica mistura o passado de 1917 durante a greve do Cotonifício Crespi e o transito presente do Bairro da Mooca.

[1] Foto obtida de “O desenvolvimento urbano do bairro da Mooca, 1850 – 1954” / Fábio Carlos Novaes Martins - Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2014.



Quando vi essa foto reconheço que fiquei chocado. Ali, onde tantas vezes parei no farol da Rua dos Trilhos com a Rua do Hipódromo, e tantas vezes observei as antigas paredes do Cotonifício Crespi – tijolos aparentes que carregavam expressão de algo a dizer - ali, praticamente no mesmo ponto de vista atual, um fotógrafo iluminado estacionou seu tripé em julho de 1917 e registrou a massa de operários em greve. A primeira greve ocorrida no Brasil!

Homens, mulheres e crianças em trajes simples, alguns até maltrapilhos, encaram a câmera com olhares duros, sofridos. Rostos que nos encaram com expressões de revolta e claros pedidos de ajuda.

Eram tempos de industrialização recente, jornadas de doze, quatorze horas diárias, trabalho infantil, salários baixos indefesos contra a inflação crescente. Enfim ausência de direitos para aqueles operários e até denúncias de assédio contra mulheres.



Greve de operários em 1917 – Fonte: Senado Federal

A revolta começou ali, no coração da Mooca e rapidamente atingiu outras fábricas da Mooca, do Brás e de toda zona industrial de São Paulo. Depois se espalhou para outros pontos do Brasil: Rio de Janeiro, Porto Alegre.

Vários historiadores e pesquisadores já se debruçaram sobre esses fatos e há bastante material

para quem quiser se aprofundar no tema. Entretanto, peço licença agora para voltar à nossa foto inicial.

O poder daqueles olhares opera uma espécie de milagre que nos interliga a cada um deles. E mais: ao reconhecermos essa mágica ligação, ao percebermos e registrarmos esse fenômeno, oferecemos essa relação aos olhos futuros. Uma rede humana através do tempo.

A foto que traz essa reflexão foi montada de maneira genial: enquanto o conjunto de operários está em preto e branco, transportando-nos para a época, a outra metade da foto é colorida e nos mostra o paredão de tijolos que ainda está lá hoje, paisagem habitual de quem passa pela Rua dos Trilhos, ainda que há muito já tenha perdido o brilho de alvenaria nova.

Mais de cem anos de diferença entre a data da foto e a percepção atual e uma montagem clarividente uniu passado e presente. Decorreu daí a ideia de explorar essa união de pessoas no tempo. Imaginemos a cena: alguns personagens tirados dessa foto são trazidos para uma reunião conosco. Digamos que de alguma forma são transportados para a nossa sala e podemos entrevista-los.

A primeira constatação: a grande maioria de nossos convidados é italiana. Não é de se espantar: cerca de 75% dos funcionários do Crespi naquele começo de século XX eram italianos. Aliás o próprio Rodolfo Crespi – dono do Cotonifício – também o era.



Cotonificio Crespi – Fonte VejaSP

Surgem as primeiras perguntas: por que vocês deixaram a Itália? Como e por que vieram parar aqui em São Paulo e particularmente na Mooca? A cena hipotética nos estimulou a continuar nossa conversa e nos levou a consultar trabalhos que registram e contextualizam a evolução histórica do bairro. Historiadores, sociólogos, urbanistas, muita

gente tem estudado esse tema. Faremos aqui apenas um breve resumo, mas gostaríamos de estimular a consulta e leitura desses estudos, tarefa imprescindível para todos que quiserem viajar no tempo.

3.História Resumida da Mooca

O bairro da Mooca considera a data de 17 de agosto de 1556 para marcar sua criação, devido à fundação de um pequeno povoado por um grupo de jesuítas que construíram uma capela no local como parte de seu trabalho de catequização dos indígenas que ocupavam a região. Entretanto, o fato é que durante cerca de trezentos anos a ocupação da área foi predominantemente de chácaras, ou seja, uma área periférica da cidade de São Paulo que conservava seu modesto núcleo urbano na colina central – o célebre triângulo que tinha como vértices as Igrejas São Bento, São Francisco e do Carmo. A região de terras baixas – onde se localizavam as várzeas do rio Tamanduateí e córregos afluentes – era conhecida como "além Tamanduateí".